

Literatura Surda: articulação entre linguagem, cultura e identidade.

Letícia de Sousa Leite¹ (UFOP)
Lúrian Kézia Leite Guimarães² (UFU)

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo geral articular linguagem, cultura e identidade surda no processo de criação do reconto de histórias na Literatura Surda. Especificamente, pretende-se abordar os aspectos que caracterizam o reconto de histórias na Literatura Surda, descrever o contexto social em que o reconto acontece e discutir questões da identidade, cultura e linguagem daquele que reconta histórias e daquele que é o receptor. Ao conceber a contação de histórias como exercício da cidadania onde o receptor interage com o contador através da maneira como este lê o mundo e também as palavras, traz implicações para o ensino da leitura no contexto escolar onde o grande desafio que se forma é vivenciar na sala de aula as práticas sociais da leitura e do reconto de histórias que ocorrem para além dos muros da escola. Nessa nova concepção do ensino da leitura, os contadores de histórias são os agentes mediadores dessa conquista gradativa que acompanhará o receptor para toda a vida; seja lendo e relendo, interpretando e tecendo novos significados, criando um novo mundo de palavras e interagindo com a sociedade letrada da qual fazemos parte. Quanto ao quadro teórico-metodológico, o estudo foi circunscrito na revisão bibliográfica da temática de estudo, quais sejam os textos referentes à cultura e identidade surda, e também à Literatura Surda. Somos motivados pelo desejo de entender melhor sobre a problemática da falta de contextualização nos processos de criação do reconto e a relação entre aquele que produz um texto e aquele que o interpreta. Nessa direção, o presente estudo se justifica pelo fato de constarmos uma escassez de trabalhos e estudos voltados para o reconto de histórias contextualizado.

Palavras-chave: literatura surda, linguagem, cultura, identidade, reconto de histórias

1. Introdução

A expressão “literatura surda” é utilizada para caracterizar histórias que apresentam em sua narrativa a questão da identidade e da cultura surda, além da presença da língua de sinais (KARNOPP, 2006). Para essa autora, a literatura surda é um artefato cultural que não se opõe à ouvinte, sinalizando o hibridismo cultural. É nessa perspectiva que as culturas dialogam entre si, sem manter a neutralidade, onde todas são híbridas e heterogêneas. De acordo com esse conceito de literatura surda, entende-se que esta contribui para o entendimento da surdez como uma experiência

¹ Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Ouro Preto. Intérprete de Libras da Universidade Federal de Uberlândia vinculada ao Centro de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial – CEPAE e pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias (GPELEDT). leticia@faced.ufu.br

² Graduação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Instituto de Letras e Linguística – ILEEL. Vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. lurian.leite@gmail.com

de natureza visual, gestual, cultural e linguística.

Assegurar a educação bilíngue para surdos requer o direito de tais alunos em ter o seu pleno desenvolvimento na língua de sinais antes e no decorrer da aprendizagem de quaisquer conteúdos. Considerando as suas particularidades, o seu direito está fundamentado na aquisição de sua língua materna, Língua Brasileira de Sinais, antes de iniciar a aprendizagem da língua portuguesa em sua modalidade escrita. Nessa perspectiva bilíngue, a Literatura Surda contribui efetivamente para significar a aprendizagem dos alunos surdos no que tange à sua primeira língua, além de atuar como facilitadora no processo de construção de sua identidade.

Embora os surdos já utilizassem a prática de contar e recontar as suas narrativas e diferentes gêneros literários nas comunidades surdas, a análise em relação a essa temática é algo recente. Estudos apontam que alguns países da Europa e dos Estados Unidos, principalmente os que reuniam mais escolas de surdos, foram precursores na formação deste artefato cultural. Em um primeiro momento, a Literatura Surda passou a ser significada na Gallaudet University, em Washington D.C., quando alunos surdos, acadêmicos e pesquisadores passaram a disseminá-la não somente no campus, como também nos mais diversos ambientes nos quais a comunidade surda interage: associações, escolas e encontros de surdos.

Conceitos advindos destas primeiras interações chegaram às comunidades surdas de outras localidades, através dos alunos que retornavam às suas cidades-natal, e também através de congressos ou quaisquer outros eventos acadêmicos que propunham a troca de conhecimento. No caso do segundo ambiente, também ocorria distribuição de material a respeito da Literatura Surda, como livros e recursos midiáticos. Nesse contexto, Strobell assegura que:

A literatura surda refere-se às várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e/ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militares surdos, e sobre a valorização de suas identidades surdas. (STROBEL, 2009, p. 62).

Diante do exposto até aqui, não há como dissociar a interdependência entre os conceitos de linguagem, cultura e identidade, ressaltando que tais se encontram intrinsecamente ligados à Literatura Surda. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo geral articular linguagem, cultura e identidade surda no processo de criação do reconto de histórias na Literatura Surda. Especificamente, pretende-se abordar os aspectos que caracterizam o reconto de histórias na Literatura Surda, descrever o contexto social em que o reconto acontece e discutir questões da identidade, cultura e linguagem daquele que reconta histórias e daquele que é o receptor.

Somos motivados pelo desejo de entender melhor sobre a problemática da falta de contextualização nos processos de criação do reconto e a relação entre aquele que produz um texto e aquele que o interpreta. Nessa direção, o presente estudo se justifica pelo fato de constarmos uma escassez de trabalhos e estudos voltados para o reconto de histórias contextualizado.

Quanto ao quadro teórico-metodológico, o estudo foi circunscrito na revisão bibliográfica da temática de estudo, quais sejam os textos referentes à cultura e identidade surda, e também à Literatura Surda. A fim de buscar suporte à temática envolvida no presente estudo, trabalhos como os de Chauí (2006), Skliar (2001), Wilcox (2005), Alves e Karnopp (2002), fundamentaram as nossas discussões.

Para fins didáticos, esse artigo está organizado em quatro partes, sendo que primeiramente, explicitamos nossas leituras a respeito da temática envolvendo a inter-relação entre linguagem, cultura e identidade, considerando as suas implicações na Literatura Surda. Posteriormente, apresentamos os contos e recontos de histórias em língua de sinais, concebendo a contação de histórias como exercício da cidadania e a sua representação social para além do espaço escolar. Por último, nossas considerações e reflexões finais.

2. A inter-relação entre linguagem, cultura e identidade

Ao discutir as questões referentes à linguagem, cultura e identidade na Literatura Surda, é importante considerar que a língua faz parte da cultura de um povo. E a cultura, por sua vez, é manifesta por ela. É uma relação de imbricação, haja vista que a identidade cultural é constituída por meio de atributos que encontram significados por meio da apropriação de uma língua. Se pensarmos a linguagem enquanto língua e fala em seu sentido amplo, essa discussão nos leva aos ensinamentos de Chauí (2006, p.155) explicando que:

A linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento, ela nos envolve e nos habita, assim como a envolvemos e a habitamos. Ter experiência da linguagem é ter uma experiência espantosa: emitimos e ouvimos sons, escrevemos e lemos letras, mas, sem que saibamos como, experimentamos e compreendemos sentidos, significados, significações, emoções, desejos, ideias. [...]

É que a linguagem tem a capacidade especial de nos fazer pensar enquanto falamos e ouvimos, de nos levar a compreender nossos próprios pensamentos tanto quanto os dos outros que falam conosco. As palavras nos fazem pensar e nos dão o que pensar porque se referem a significados, tanto os já conhecidos por outros quanto os já conhecidos por nós, bem como os que não conhecíamos e que descobrimos por estarmos conversando.

A esse respeito, na área da surdez, a língua de sinais confere significado às palavras escritas na língua portuguesa, contribuindo para a concepção da cultura e identidade surdas. Nesse sentido, Skliar (2001) afirma que a identidade cultural surda se vincula à “forma como cada sujeito é inventado, traduzido, interpelado e interpretado no contexto no qual vive”. O ponto de partida é o entendimento da cultura surda como a maneira do sujeito surdo de entender e interagir com o mundo a partir de suas percepções visuais; promovendo a inter-relação entre linguagem, cultura e identidade surda.

3. Contando e recontando histórias

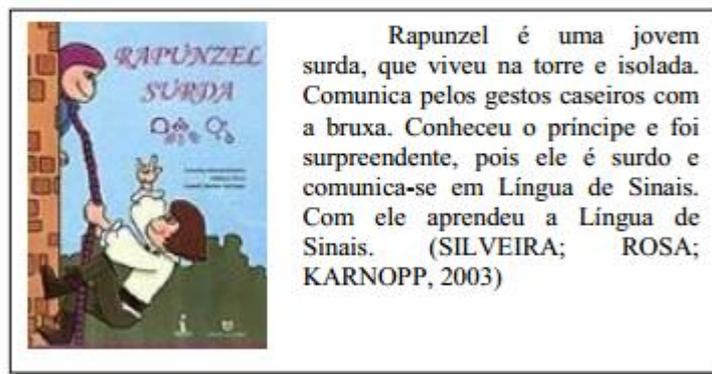
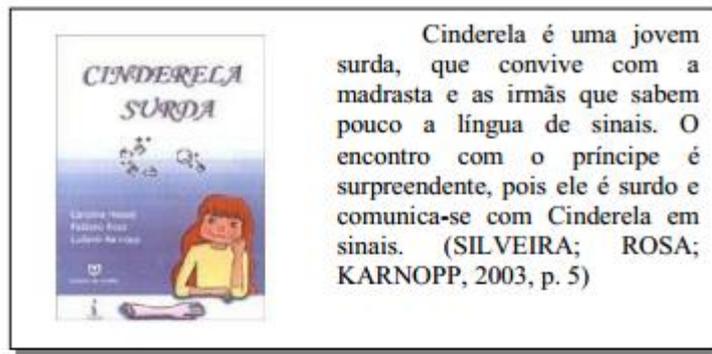
Ao conceber a contação de histórias como exercício da cidadania, onde o receptor interage com o contador através da maneira como este lê o mundo e também as palavras, traz implicações para o ensino da leitura no contexto escolar, onde o grande desafio que se forma é vivenciar na sala de aula as práticas sociais da leitura e do relato de histórias que ocorrem para além dos muros da escola. Nessa nova concepção do ensino da leitura, os contadores de histórias são os agentes mediadores dessa conquista gradativa que acompanhará o receptor para toda a vida; seja lendo e relendo, interpretando e tecendo novos significados, criando um novo mundo de palavras e interagindo com a sociedade letrada da qual fazemos parte.

A arte de contar histórias faz parte não somente do universo surdo, mas contempla a trajetória da civilização humana. É através da contação de histórias que as crianças são estimuladas no desenvolvimento de sua criatividade, onde a imaginação flui naturalmente em consonância com um novo saber. Ao considerar esta afirmativa também para as crianças surdas, é fato que as palavras somente serão significadas através da língua de sinais. Nesse sentido, a aquisição de sua língua materna – como primeira língua - e do português escrito – como segunda língua - pressupõe a utilização de estratégias que contemplem as particularidades do aluno surdo. Assim, é importante lembrar que, de acordo com Wilcox (2005) o convívio no meio social com os ouvintes faz com que a comunidade surda seja bilíngue.

No processo do relato de histórias na Literatura Surda, pesquisas consideram que estes são caracterizados por contos tradicionalmente voltados para ouvintes, onde ocorreu uma adaptação a fim de contextualizar uma nova história totalmente inserida no contexto cultural do surdo (ALVES,

KARNOPP, 2002). Como exemplo, podem ser citados os livros: “Cinderela Surda” (HESSEL; ROSA; KARNOPP 2003), “Rapunzel Surda” (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP 2003), “Adão e Eva” (ROSA; KARNOPP 2005) e “Patinho Surdo” (ROSA; KARNOPP 2005), dentre outros.

Nos recontos supracitados, a cultura surda, a identidade surda e a realidade da vida dos surdos são consideradas na adaptação cultural das referidas histórias. Pensando assim, em vista das obras literárias aqui investigadas, é possível constatar que ao vivenciar a Libras como questão da identidade e da cultura surda, a Literatura Surda escrita e recontada por um surdo se difere das produções literárias escritas por ouvintes.



Livros com reconto de histórias

Ao analisar a questão do contexto social em que o reconto acontece, utilizamos novamente os apontamentos de Alves e Karnopp afirmando que o ato político, social, mental e linguístico constitui o entendimento da natureza da leitura e do reconto de histórias. Sob a ótica de uma prática social, o uso da língua também se encontra inserido nesse contexto que, por meio das condições sócio históricas contribuem para as condições de produção e recepção do reconto de histórias. Ou

seja, “Surdos recontam histórias para outros surdos e reconstroem, através da língua e da cultura, os sentidos veiculados pelo texto que serviu como ponto de partida para a criação de um outro texto”. (ALVES E KARNOPP, 2002).

Conforme os autores supracitados, no âmbito do reconto de histórias é preciso considerar as questões referentes à identidade do interlocutor como um elemento deste processo. Nessa direção, outro aspecto relevante que deve ser analisado diz respeito ao perfil e à identidade de quem conta a história, e a sua relação com o texto recontado. O locutor sempre traz consigo as marcas identitárias como influência de sua cultura, da linguagem, do contexto social em que se encontra inserido, dentre outros fatores. Deste modo, a seleção das histórias a serem recontadas necessita uma análise prévia que considere as particularidades dos interlocutores. Nessa interação, outro fato que não pode ser negligenciado é o conhecimento do gênero discursivo em foco, visando ao desenvolvimento da leitura e da escrita do português como segunda língua.

Outro aspecto que merece ser discutido se refere ao desenvolvimento do processo narrativo no reconto de histórias pressupondo a relevância da configuração de mãos e das expressões não manuais. Chamamos a atenção para o fato de que a utilização de classificadores é imprescindível no sentido de evitar que haja um comprometimento na compreensão do contexto. Além disso, é importante considerar que a contação de histórias em Libras deve obedecer a estrutura dessa língua, não se configurando como um português sinalizado do reconto. Cabe esclarecer que além de ser produzida com as mãos, a língua de sinais conta também com o apoio da face e do corpo para apresentar a narrativa da história apresentada.

Considerações finais

Ao retomar o objetivo geral proposto nesse trabalho, articulamos linguagem, cultura e identidade com a Literatura Surda. Nessa direção, concordamos com Skliar (2001) ao afirmar sobre o vínculo da identidade cultural surda interpretada à luz do contexto onde o sujeito se encontra inserido. Durante o presente trabalho foram abordados os aspectos característicos do reconto de histórias, ocorrendo as discussões referentes à identidade de quem conta a história e sua interação com o interlocutor. Desse modo, retomando os pressupostos de Alves e Karnopp (2002), enfatizamos que o reconto de histórias é constituído de um ato político, social, mental e linguístico.

Por meio da pesquisa bibliográfica realizada constatou-se que embora ocorra uma expansão na produção da Literatura Surda, notamos uma tímida atenção no que tange aos estudos sobre o reconto de histórias. Nesse sentido, a relevância dessa pesquisa aponta caminhos para um posterior estudo considerando a referida temática.

Esperamos que o estudo aqui desenvolvido tenha revelado a importância da disseminação da Cultura Surda e dos seus artefatos culturais através da Literatura Surda, no entanto, percebe-se como pungente a necessidade de futuras investigações que contemplem a interação entre os sujeitos envolvidos no processo do reconto de histórias.

Diante deste cenário, pretendemos continuar os nossos estudos, contribuindo na aplicabilidade pedagógica que subsidiarão as situações práticas do reconto de histórias no Atendimento Educacional Especializado *de* Libras, *em* Libras e por consequência, no ensino de Língua Portuguesa como segunda língua, em sua modalidade escrita, para os alunos surdos.

Referências

ALVES, A. C.; KARNOPP, L. *O surdo como contador de histórias*. In: LODI, A. et al. Letramento e Minorias. Porto Alegre: Mediação: 2002.

CHAUÍ, M. A linguagem. In: *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2002. p. 136-151.

HESSEL, C., ROSA, F., KARNOPP, L. B. *Cinderela Surda*. Canoas: ULBRA, 2003.

KARNOPP, L. Literatura Surda. In: *Literatura, Letramento e práticas educacionais* - Grupo de estudos surdos e Educação. Campinas: ETD – Educação Temática Digital, v.7, n.2, p.98-109, jun. 2006.

ROSA, F.; KARNOPP, L. *Adão e Eva*. Ilustrações de Maristela Alano. Canoas: ULBRA, 2005.

_____. *Patinho Surdo*. Ilustrações de Maristela Alano. Canoas: ULBRA, 2005.

SILVEIRA, C. H., ROSA, F., KARNOPP, L. B. *Rapunzel Surda*. Canoas: ULBRA, 2003.

SKLIAR, C. (2001). Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngue para surdos, in: Silva, S., Vizim, M. (orgs). *Educação especial: múltiplas leituras e diferentes significados*. Mercado de Letras: Campinas.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2009.

WILCOX, S., & WILCOX. P. P. *Aprender a ver*. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2005.